

Ciência e arte: por uma metodologia científica crítica e criativa

Crislaine Valéria de Toledo Francisco¹

O campo da Metodologia Científica ainda tem sido considerado por muitos um terreno árido na vida acadêmica de nossos estudantes. A palavra “método” significa “caminho para”, e nesse sentido, a metodologia científica é um ramo de conhecimento que visa facilitar o acesso e o processo de se fazer ciência. São duas as principais abordagens desta disciplina: a primeira é teórica, através da compreensão crítica das linhas teórico-metodológicas da produção científica, adentrando no campo da Sociologia do Conhecimento; a segunda é prática e tem como preocupação central o levantamento de técnicas de pesquisa que melhor auxiliem e componham uma produção científica de qualidade.

O argumento central deste breve artigo é que os motivos que tornam a Metodologia Científica tão pouco “atraente” aos nossos alunos dizem respeito à própria concepção que temos não só desta disciplina, como da própria ciência. A partir da revisão destes conceitos, salienta-se a necessidade de se superar tanto a visão empirista e positivista, quanto a visão tecnicista que tem permeado o campo da Metodologia Científica. Por fim, propõe-se uma abordagem alternativa, que integre tanto aspectos racionais e objetivos, quanto categorias de ordens mais subjetivas, como a arte e a dimensão estética, vislumbrando, portanto, uma produção científica ao mesmo tempo mais crítica e criativa.

Em primeiro lugar, falar em abordagens teóricas no campo da Metodologia significa desenvolver de forma angular a capacidade crítica de nossos alunos, iniciá-los nos caminhos da ciência, fazê-los entender, interpretar e problematizar as teorias que estudam. Mas, como fazer isso com uma concepção de ciência tão distante da realidade destes jovens? Por muito tempo, a força de uma ciência positiva e estritamente empirista, pretensamente capaz de formular verdades absolutas e inquestionáveis sobre a realidade, foi predominante e, digamos, pouco significativa aos estudantes em geral. Ernst Fischer afirma que tanto a ciência como a arte servem para integrar o indivíduo ao seu mundo exterior, em sua busca por significação. Vejamos esse pequeno trecho:

(o homem) “busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tenha significação. (...) O homem anseia por estender o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela ciência e pela tecnologia o seu “Eu” curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte (1) o seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade.” (Fischer, 1966, p. 16-7)

Nesse sentido, é possível que o conhecimento científico comece a despertar algum interesse em nossos estudantes quando aquela concepção fria e distante de ciência

¹ Mestre em Sociologia. Professora dos cursos de Relações Internacionais e Administração do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Vol. 3 – nº2, 2003

for substituída por outra mais contextualizada e comprometida com a cultura e com a história de cada lugar, tendo em vista atender à necessidade básica do ser humano de se relacionar, de estender-se em direção ao outro, de buscar, portanto, tanto a sua felicidade, quanto o bem da sociedade em que vive.

Esta primeira idéia desencadeia uma segunda proposição bastante comum nos meios não acadêmicos, a idéia de que ciência é coisa para “especialistas”, super-homens e supermulheres dotados de uma capacidade extraordinária de “fazer ciência”. Este é um dos mitos que mais atrapalha o despertar de nossos alunos para os desafios e os prazeres que o conhecimento científico pode trazer, uma vez que se vêem intimidados pela idéia de que ciência “é coisa para intelectuais”, e em última análise, “é coisa para loucos”. A ciência é colocada, assim, como algo absolutamente hermético e inacessível para os “pobres mortais”. Ora, nada mais longe da verdade.

Outra dificuldade em relação à disciplina de Metodologia é propriamente sua abordagem mais prática, o conjunto de regras e técnicas de pesquisa que, se por um lado, pode facilitar bastante a vida de estudantes e pesquisadores, por outro, pode tornar-se uma camisa de força. Isso porque no afã de introduzir nosso aluno na iniciação científica, muitas vezes corremos o risco de apenas tê-lo “formatado”, ou como sugere Pedro Demo (1995), ter formado um “idiota especializado”, ou seja, aquele que segue à risca todas as regras metodológicas, mas é incapaz de fornecer uma contribuição original e crítica à sociedade em que está inserido.

Assim, concordamos com Elisabete Pádua, no sentido de que os procedimentos e as técnicas servem apenas como “suporte ao desenvolvimento do processo de pesquisar, constituem-se como meios, através dos quais poderemos implementar nosso projeto de desenvolvimento de uma formação intelectual rigorosa, crítica e sintonizada com nosso tempo” (Pádua, 2000, p. 12). E mais, ao expor os procedimentos metodológicos desenvolvidos ao longo de sua pesquisa, o pesquisador fornece um “roteiro” de seu caminho percorrido, abrindo a todas as pessoas que se interessarem, o acesso ao mesmo conhecimento. Portanto, ao contrário de criar para a ciência uma redoma de vidro, domínio apenas de especialistas e “iniciados”, cujo fim é a aplicação rigorosa de suas regras, a metodologia pode ser instrumento de acesso ao conhecimento científico. Trata-se de aproveitar o conjunto de técnicas que a metodologia pode fornecer, como um eficiente meio na condução e produção de pesquisas de reconhecido valor científico.

Ao mesmo tempo, é essencial enfatizar a idéia de Fischer, citada acima, de que o ser humano não vive somente “dentro das possibilidades transitórias e limitadas da sua exclusiva personalidade” (Fischer, 1966, p. 16). Significa, portanto, assumir que a condição humana não se completa em si mesma, mas está sempre em busca da satisfação da necessidade de se relacionar, se comunicar, se dirigir ao outro. E a ciência, como produção humana, não vive à mercê desta realidade, não pode se colocar como um “mundo à parte”, neutro e objetivo. Esta dimensão subjetiva da vida humana deve servir como uma força alternativa em direção a uma ciência mais criativa e crítica. Pedro Demo, em sua tentativa de defender categorias mais “libertadoras” para a produção científica, como “a fantasia, parceira da utopia, a arte e a dimensão estética” (Demo, 1995, p. 64), faz referência a uma idéia de Bachelard:

Vol. 3 – nº2, 2003

“Numa admirável fórmula, Bachelard disse um dia que ‘nós temos o poder de acordar as fontes’. Ora, encontra-se no coração mesmo do homem uma fonte que não se esgota nunca, que não precisa ser acordada e é a fonte mesma daquilo a que a filosofia durante muito tempo rendeu homenagens, ao sono do corpo e do espírito, a fonte dos sonhos, das imagens, das ilusões. É a permanência deste poder originário, literalmente poético, que constrange a razão a seu esforço permanente de denegação, de crítica, de redução.” (Id. ib., p. 65).

A experiência de manter acordadas nossas fontes alimenta-se de um ingrediente que muitas vezes não faz parte de nosso currículo escolar: a criatividade. E a arte é o combustível essencial para alimentar novas idéias, soluções e o sonho de uma sociedade mais humana e justa. Aliás, Fischer é quem defende a idéia de que “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo.” (Fischer, 1996, p. 23). Se assim for, não mais se considera a arte e a ciência como áreas distintas e inconciliáveis, mas compreende-se que uma integra a outra, num esforço comum de ler a realidade com olhos críticos, capaz de propor soluções para seus problemas, envolvendo-se com ela de forma profunda e radical, ou seja, para além da superficialidade, dos modelos prontos e das aparências. De forma muito simplificada, podemos dizer que a crítica radical pressupõe o elemento criativo, contextualizado com os processos históricos, sim, mas sensível aos elementos da intersubjetividade do fazer ciência. Mas, afinal, este talvez seja assunto para um próximo artigo. E para “colocar mais lenha” nesta discussão, transcrevo uma outra consideração de Pedro Demo, polêmica com certeza, mas que nos traz uma sugestiva alternativa aos conceitos tradicionais de ciência racional:

“A irracionalidade nem sempre é um lapso, mas o lado criativo da razão, quando aparece como poesia, como arte, como invenção, como revolução. Assim, ciência racional não é aquela que resseca o espírito, porque quer o homem como ator fora de cena; ao contrário, é aquela capaz de ver a forma, mas sobretudo de querer a felicidade histórica da sociedade, a cujo serviço deve estar a ciência. Ciência também como poesia, arte, felicidade.” (Demo, 1995, p. 65-6).

Para terminar, deixo-os na companhia dos poetas, com sua beleza e sublimidade, um trecho de uma crônica de Rubem Alves, filósofo, escritor e psicanalista, no qual o autor cita um poema de Cecília Meireles e, em seguida, também uma frase de Bachelard:

“No mistério do Sem-Fim,
equilibra-se um planeta.
E, no planeta, um jardim,
e, no jardim, um canteiro:
no canteiro, uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,
entre o planeta e o Sem-Fim,
a asa de uma borboleta.

Metáfora: somos a borboleta. Nosso mundo, destino, um jardim. Resumo de uma utopia. (...) nas palavras de Bachelard: ‘O universo tem, para além de todas as misérias, um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso.’ ” (Alves, 2002, p. 70-1)

Nota:

(1). Este e os demais grifos das citações são meus.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. O retorno eterno. 22. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 1995.

FISCHER, Ernst. A função da arte. In: VELHO, Gilberto (org.). Sociologia da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p. 15-23.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. Metodologia de pesquisa: abordagem teórico-prática. 6. ed. rev. e ampl. Campinas: Papyrus, 2000.